



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmandade de Nossa Senhora das Preces

Director e Editor
P.º Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2—Coimbra—Telef. 2857

Deseja ser irmão da Irmandade da Senhora das Preces?

Na *Voz do Santuário* do mês de Novembro dissemos que nos livros da Matrícula desta Irmandade encontramos nomes de muitos irmãos que pertenciam a freguesias dos concelhos da Beira Alta e Beira Baixa donde se podia concluir que em tempos passados a Irmandade tinha muitos irmãos de fora da freguesia de Aldeia das Dez.

Os próprios Estatutos da Irmandade prevêem admissão e assim é que em vários artigos se fazem referências a «irmãos residentes fora da freguesia».

Presentemente esta Irmandade tem alguns irmãos em Lisboa, em S. Vicente da Beira Baixa e até em África.

Ora se tem sido nossa constante preocupação e motivo de tantos trabalhos, cuidados, cansaças e desgostos, a restauração material do Santuário, muito desejaríamos também ver restaurada a Irmandade, aumentando o número dos seus irmãos e restituindo-lhe o seu prestígio antigo.

Para atingirmos este nosso desejo poderíamos inscrever-se não só os da freguesia, mas também todos os homens de boa vontade de freguesias vizinhas e mesmo de longes terras, isto é, todos quantos se interessarem pela prosperidade do Santuário da Senhora das Preces.

Evidentemente que os irmãos residentes fora da freguesia não seriam obrigados a comparecer a todos os actos colectivos da Irmandade, mas sim só nas festas principais.

Para ser admitido é preciso requerer à Mesa, fazendo acompanhar o requerimento de um documento passado pelo respectivo Pároco da sua freguesia, provando ter mais de 21 anos de idade e ter bom comportamento moral e religioso, isto é, que são católicos e cumprem os preceitos da Igreja.

Os indivíduos que tenham menos de 21 anos devem apresentar, por escrito, autorização de seus pais.

Todos os irmãos devem pagar anualmente as suas cotas estabelecidas pela Mesa e têm direito a dez missas por falecimento.

Todos os irmãos têm ainda parte em todas as missas celebradas na Senhora das Preces durante o ano, nos domingos e dias santos de preceito.

Leitor amigo, se és devoto de Nossa Senhora das Preces, se desejas a prosperidade e engrandecimento do seu

É preciso ajudar o Santuário

Aos povos de Vale de Maceira, Goulinho, Gramaça e Chão Sobral, e a todos quantos estas linhas lerem, saúde e graça de Deus.

A freguesia de Aldeia das Dez tem a feliz dita de possuir o mais belo santuário mariano das Beiras, terra sagrada, escolhida por Nossa Senhora para sua habitação e trono das suas graças e misericórdias.

Como filhos predilectos da melhor das mães, cumpre-nos o dever de dedicarmos um pouco da nossa atenção ao seu Santuário e consagrarmos-lhe um pouco do nosso amor.

De longes terras, percorrendo longas distâncias, milhares de peregrinos vêm trazer as suas esmolas, quantas vezes frutos das suas lágrimas e das suas dores, para que a Igreja da Senhora das Preces continue digna de ser habitada pela Mãe de Deus.

Os de perto, os que vivem à sombra do Santuário, os que mais beneficiam dos melhoramentos da Senhora das Preces têm o dever imperioso de não ficarem atrás de ajudar com as suas esmolas oferecidas generosamente.

Desde tempos imemoriais e de harmonia com os Estatutos, a Irmandade mantém na Senhora das Preces a capelania com missa aos domingos e dias Santos de preceito, «sendo a aplicação da missa em benefício dos irmãos vivos e falecidos e dos fiéis que concorrem com suas esmolas e ofertas para a sustentação do culto no Santuário de Nossa Senhora das Preces». Artigo 22.º dos Estatutos.

Embora seja um benefício para todos os povos da Serra, ninguém duvida de que seja um pesado encargo para a Mesa Administrativa. Além do ordenado da capelania há agora outra despesa certa visto que por ordem do Sr. Bispo, de cada missa celebrada nos domingos e dias Santos de preceito vão 15\$00 para o Seminário, ou sejam uns 930\$00 no fim de cada ano.

Nestas condições, para que possa continuar a haver missa na Senhora das Preces é necessário que todos os povos ajudem o Santuário a fim de que possam continuar a ter tão útil melhoramento e assim aquele dinheiro das missas do Seminário devia ser pago integralmente pelos povos beneficiados.

É um pequeno sacrifício que se pede e que certamente não será regateado visto que os primeiros a serem beneficiados são os próprios interessados, isto é, os povos que vivem à volta do Santuário, especialmente Vale de Maceira, Goulinho, Gramaça e Chão Sobral.

Que todos ajudem, pois, para benefício e interesse de todos e para bem do Santuário da Senhora das Preces.

«Voz do Santuário» do mês de Dezembro

Por motivos de força maior, especialmente pela carestia dos serviços da tipografia e aumento do custo do papel, não nos foi possível publicar a «Voz do Santuário» no mês de Dezembro, do que pedimos muita desculpa aos nossos prezados assinantes.

Santuário não queres ser irmão e pertencer à sua irmandade, estabelecida e criada para desenvolver o seu sagrado culto, para honra e glória da Nossa Senhora das Preces?

P.º Augusto Nunes Pereira

Foi há pouco nomeado pároco da freguesia de S. Bartolomeu de Coimbra o Rev.º P. Augusto Nunes Pereira, prior de Coja e grande amigo do Santuário da Senhora das Preces, e nosso companheiro de trabalho.

Se é com pena que o vemos afastar-se da nossa Região que tanto ilustrou com a sua pena e com a sua pregação sempre apostólica é também com alegria que o vemos subir de posto a que tinha justo e merecido direito.

Damos-lhe um abraço de sincero amigo.

O TELEFONE DO SANTUÁRIO

O telefone da Senhora das Preces durante o verão teve bastante que fazer e prestou muito bons serviços não só aos visitantes mas muito especialmente aos povos de Vale de Maceira, Goulinho e Chão Sobral e aos Serviços Florestais.

Até ao fim do mês de Setembro e meados de Outubro havia a necessidade de haver alguém que atendesse os visitantes e peregrinos e a mesma pessoa atendia as chamadas telefónicas.

Nestes meses de inverno não se verifica essa necessidade e por isso as chamadas de fora não são atendidas, e porque não são atendidas algumas pessoas mal intencionadas têm dito coisas e loisas.

É preciso não esquecer que o telefone é particular e que durante o inverno a utilidade de tão grande melhoramento é para os comerciantes e negociantes e estes podiam juntar-se e cotisar-se para pagar à pessoa que atendesse as chamadas e assim estaria o telefone às suas ordens.

Na verdade não estaria certo que a Mesa Administrativa do Santuário estivesse a fazer uma despesa com utilidade só para os outros.

Teria muito prazer em o fazer se os recursos assim o permitissem.

É pena que não haja por parte das pessoas interessadas a verdadeira compreensão das coisas e o desejo de ajudar quem só tem procurado arranjar-lhes melhoramentos e ser útil a todos.

Quem mais beneficia dos melhoramentos do Santuário é o povo do Vale de Maceira e muito especialmente os comerciantes do dito lugar. Se não fosse o movimento e a freguesia do Santuário teriam de fechar as portas. Pois são precisamente eles os mais duros de cabeça, duros de coração e duros de carteira.

A questão posta nos seus devidos termos e na sua simplicidade é esta: Durante todo o ano a Mesa Administrativa da Senhora das Preces paga a mensalidade e a quem atende as chamadas nos meses de verão, isto é, de Maio ou Junho a Outubro. Os comerciantes pagariam só os meses de inverno, a quem atenda, visto que a utilidade e interesse seria para eles.

UM NOVO ANO

A «Voz do Santuário» deseja a todos os seus assinantes, leitores e amigos um Novo Ano cheio de prosperidades e das melhores bênçãos de Deus.

FATALISMO

Sob a capa ampla do senhor destino desculpam-se todos os absurdos e escândalos muitas vezes. Uma destas maluquinhas de beijo pintado e masculinizada, dá um passo errado e faz uma asneira, dá um escândalo que abala toda uma cidade. Vem logo a desculpa: era o destino... Uma desgraçada esposa deixa o lar, desvia-se... é o destino, era a sorte dela... Todas as asneiras se desculpam com a irresponsabilidade do senhor destino. O ladrão, o assassino, o bandido, a mulher perdida, o escandaloso, todos acham logo uma bela justificativa — é o destino. Tinha que ser... ele havia de passar por isto, é a sorte dela, é a fatalidade, havia de acontecer, tinha que ser assim...

E a nossa liberdade de criatura racional? Para quê leis, e governos e punições para os crimes? Pois não é o destino?

Toda a gente que perde a vergonha acha logo uma ingénua e doce maneira de se inocentar: o destino... O destino de mangas largas, o destino de capa aberta para todas as misérias!...

Perdem a vergonha, e cinicamente vêm logo acusando o Destino. Tenham o santo temor de Deus, tenham mais fé na Divina Providência, vivam com respeito à lei de Deus, cumpram o dever, adorem a Divina Vontade de Deus na dor e na alegria, e não creiam em destino cego, não falem nem acreditem em fatalidades inexoráveis. Nos caminhos de Deus, em nossa vida não há, não pode existir *Acaso nem Fatalidade*. O acaso é uma palavra sem sentido para o cristão. É a incógnita da Providência, dizia José de Maistre. Nós podemos

ignorar os desígnios do Senhor, mas não podemos e nunca devemos ignorar que há uma Providência que tudo rege, e governa este mundo e que penetra até os nossos mais secretos pensamentos e nos acompanha do berço ao túmulo com amor misericordioso. Como é belo e admirável e consolador o dogma da Providência! E como é desesperador e triste aquele estúpido e cruel Destino da superstição pagã!

O fatalismo é contrário à razão. Um homem que reflecte não pode aceitar este absurdo. Conta Spirago no seu admirável catecismo, que o Conde de Essen, célebre fidalgo, quis-se entregar a uma vida dissipada e de escândalos. Para se desculpar, dizia: «Ou estou já destinado por Deus ao céu, ou ao inferno. No primeiro caso, nenhum pecado me há-de condenar, e no segundo, nenhuma boa obra me há-de aproveitar». Pouco depois ficou enfermo e em estado grave. Veio o médico, homem de fé e que bem conhecia a célebre teoria do Conde ímpio!

— Senhor doutor, quero-me curar, dê-me um remédio a este mal...

O médico cristão sorriu:

— Excelência, não é preciso remédio algum... Pois se está determinado que há-de sarar, há-de sarar mesmo, e se houver de morrer, morrerá mesmo... para quê remédio?

O ímpio Conde reflectiu um instante, sentiu bem o mal que havia feito em vida e respondeu: Doutor, o senhor foi médico do corpo sempre, e agora está sendo também médico da minha alma... Estou curado do meu perigoso erro do fatalismo...

Elogio do burro

Papini e Giuliotti observam que chamando burro a um homem, tencionamos ofender o nosso semelhante, como se faria chamando-lhe patife e ignorante. Mas a injúria cai sobre o modesto quadrúpede. De facto o sendeiro conhece perfeitamente a ciência de que tem necessidade para cumprir bem o seu dever: sabe caminhar à beira de precipícios sem cair, sabe levar grandes cargas em equilíbrio, sabe tolerar as fúrias dos homens, reconhece a voz do dono e a porta do curral. Não ignora que o silêncio é de ouro, tanto assim que só abre a boca e zurra quando tem fome ou está inamorado. Confrontai-o com o homem — escrevem Papini e Giuliotti que nunca sabe qual é o seu verdadeiro caminho, que mete os pés em todos os abismos, que não sabe aguentar a carga dos seus haveres e das suas dores, que não quer reconhecer nem donos nem casas (e, digo eu, muito menos os donos de casa), que abre continuamente a boca para dizer uma infinidade de coisas obscenas, idiotas, bestiais, supérfluas: a comparação resultará vantajosa para o burro. Se a justiça reinasse ao menos na Zoologia, o leão deveria chamar-se o bandido entre os animais e o burro, com a sua humilde resignação, o mais manso benigno do reino animal.

Ser missionário

É continuar a missão de Jesus sobre a terra.

É pregar as verdades eternas aos gozadores da vida.

É chamar os pecadores à penitência.

É ensinar às crianças o caminho do céu.

É afervorar os justos no caminho do bem.

É mostrar aos jovens os perigos e ilusões da vida.

É apontar a todos as obrigações de estado.

É indicar aos homens os deveres do cristão.

É dizer aos ricos que sejam caridosos.

É povoar de almas o céu.

Considerando tudo isto, não desejarias tu ser missionário ou ajudar com a tua esmola a vocação de algum jovem pobre que aspire essa vida sublime?

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simples assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

“Voz do Santuário”

Pagaram a sua assinatura da «Voz do Santuário» os Senhores:

P.^o Alfredo Augusto Amaral, residente em Coimbra, 20\$00; António Joaquim da Fonseca, Aldeia das Dez, 30\$00; Joaquim Martins, Mouronho, 10\$00; D. Rosa Antunes Lemos, Merguge, 10\$00; Sebastião Alves da Cunha, Gavinhos, 20\$00; Manuel Moreira da Silva, Alvoço de Várzeas, 10\$00; Dr. João Ferreira Diniz, Oliveira do Hospital, 20\$00; Augusta do Carmo Correia, Aldeia das Dez, 15\$00; Maria da Encarnação, Vale de Maceira, 10\$00; António João, de Vale de Maceira e residente em Lisboa, 10\$00; José Dias Álvaro, Vale de Maceira, 10\$00; Elisa Mendes, Goulinho, 10\$00; Adelino Marques, Lisboa, 15\$00; P.^o João Antunes da Costa, Pomares, 20\$00; José João Freire, Lisboa, 20\$00; D. Maria Judite dos Santos, Oliveira do Hospital, 10\$00; D. Maria do Carmo Andrade, Oliveira do Hospital, 10\$00; Delfina da Silva Costa, Lisboa, 10\$00; Alfredo Mendes Abranches, Lisboa, 10\$00; António Pedro, Lisboa, 10\$00; José Garcia Galvão, Lisboa, 10\$00; D. Maria Cristina Tavares Diniz, Carnide, 20\$00; John W. Neave, América do Norte, 223\$00; Ernesto Lourenço, Goulinho, 10\$00; José Nunes Correia, Arganil, 10\$00; Aires Quaresma, Lourosa, 10\$00; D. Maria Clarinda Coelho Borges, Galizes, 20\$00; António Nunes Pinheiro, Tapadas, 15\$00; Maria Mendes Pereira, Secolinho, 10\$00; Manuel Marques, Lisboa, 20\$00; Mário de Castro e D. Maria da Natividade, Lisboa, 20\$00; Dr. João de Oliveira Mano, Oliveira do Hospital, 20\$00; D. Maria da Glória Afonso, Angola, 20\$00; Aurélio Nunes Pacheco, Cebola, 10\$00; Professor Gerónimo Sanches Pinto, Avô, 10\$00; José Gil, Cadima, 20\$00; D. Laura Mendes Figueira, Lisboa, 20\$00; José da Silva Soares, Coimbra, 20\$00; D. Lucimar Dias Mendes, Vale de Maceira, 20\$00; Albertino Martins, Goulinho, 20\$00; Artur dos Santos, Lisboa, 20\$00;

D. Maria Isabel Mendes Loureiro, Coimbra, 20\$00; Alfredo Cândido, Cebola, 10\$00; António Marques, Lisboa, 10\$00; Genésio Mendes Formigó, Lisboa, 10\$00; Evaristo Marques, Pomares, 20\$00; Manuel Francisco Ribeiro, Pomares, 20\$00; Manuel dos Santos Carvalho, Cadima, 20\$00; Arlindo Oliveira Dias, Covilhã, 15\$00; José de Brito Júnior, Casal do Rei, 20\$00; Cristiano Lopes Moço, Alvito, 15\$00; António João Dias, Vale de Maceira, 10\$00; Eugénio Carvalheira, Coimbra, 10\$00; Alfredo Guilherme Hall, Aldeia das Dez, 15\$00; Professor Manuel Esteves, Vide, 10\$00; Dr. Asdrubal Almeida, Vide, 10\$00; António Bento de Sousa, Chães d'Égua, 10\$00; Albano Alves da Cunha, Oliveira do Hospital, 20\$00; Amadeu da Conceição, Oliveira do Hospital, 15\$00; António José, Aldeia das Dez, 10\$00; Manuel de Jesus Almeida, Galizes, 10\$00; D. Albertina Alves Pais, Vila Pouca, 10\$00; D. Maria do Rosário Marques da Fonseca, Vila Pouca, 10\$00; Mário Gomes de Brito, Penalva d'Alva, 20\$00; João Lourenço Mendes, Vila Franca de Xira, 15\$00; D. Olímpia Mortágua, Lisboa, 20\$00; Carlos Gil, Cadima, 20\$00; D. Maria Clara, Lisboa, 20\$00; Francisco Álvaro, Lisboa, 10\$00; D. Maria da Ascensão, Lisboa, 20\$00; António dos Santos, Lisboa, 20\$00; Rafael de Almeida, Vendas de Galizes, 10\$00; D. Cidália de Almeida, Nogueira do Cravo, 10\$00; Adelino Augusto de Moura, Goulinho, 15\$00; Manuel Lopes, Vale de Maceira, 10\$00; Albino Dias, Alvoco de Várzeas, 20\$00; Dr. Desembargador António Abreu Mesquita, Lisboa, 20\$00; José Augusto Momes Diniz, Covilhã, 20\$00; D. Preciosa Gama, Casarias, 10\$00; D. Josefa Gama, Casarias, 10\$00; Serafim Diniz Dias, Aldeia das Dez, 10\$00; Manuel Faim Pessoa, Cadima, 20\$00; Luciano Francisco, Caniçado, 20\$00; José Dias, de Vale de Maceira e residente em Lisboa, 20\$00; Agostinho Mendes Duarte, de Vale de Maceira e residente na América do Norte, 100\$00.



Soldados, católicos, das forças das Nações Unidas, na frente de batalha da Coreia, ouvem missa, num dos momentos de descanso da dura e difícil campanha, numa improvisada capela ao ar livre

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Humorismo

O incremento que tomou a devoção a Nossa Senhora das Preces e a grande afluência de romeiros mostrou a necessidade de um templo maior. Edificou-se então a actual igreja, notável pela elegância da sua fachada, pela delicadeza dos seus altares e pelas curiosas pinturas dos seus tectos.

É um edificio com uma só nave, com 7,70 metros de largura interior e quase 45,50 no seu comprimento total incluindo a sacristia. Esta foi construída em seguimento da capela-mor, e apenas um pouco mais estreita.

Observando a planta, vemos à entrada um átrio com duas aberturas para o adro, uma para a torre e outra para a igreja. Este átrio faz lembrar as igrejas de tipo franciscano, como a do convento de Vila Cova do Alva e tantas outras, que também apresentam o seu átrio coberto por um arco abtido.

Por cima do átrio está o coro, servido por uma escada interior. Do coro há também uma porta para a torre.

Do lado do Evangelho, ou do poente, a planta e alçado são de uma grande simplicidade. A parede forma uma linha recta em toda a extensão da igreja, quebrando ligeiramente no início da sacristia. Quatro portas incluindo uma do átrio e a da sacristia, e três janelas são as aberturas do alçado.

Do lado do nascente há quatro dependências que dão variedade e movimento à planta e ao alçado. Em primeiro lugar a torre, não muito esguia, mas elegante e decorativa. Depois a capela da Senhora da Boa-Morte, com sua sacristia, restos da primitiva ermida, como já dissemos. E por último a capela do Santíssimo.

Tem a igreja cinco altares, todos de elegante construção e de boa talha. O mais antigo é o da Senhora da Boa-Morte, e o mais moderno o da capela do Santíssimo. Este último é obra de José Tavares, artista de Aldeia das Dez.

A tribuna da capela-mor foi dourada por Manuel Gabriel da Fonseca, «casado, dourador, de Aldeia das Dez». Arrematou essa obra por 178.900 reis, a 12 de Novembro de 1893.

Os altares laterais foram dourados pelo mesmo artista, que se obrigou a fazer essa obra e a estofar as imagens de Santo António e de S. José pela quantia de 117.560 reis. As condições

vêm no auto de arrematação, feito a 26 de Março de 1893.

Há na igreja as seguintes imagens: Nossa Senhora das Preces, imagem de pedra, posteriormente adaptada para se poder vestir. Venerada no altarmor, como titular que é.

Nos altares colaterais (aos lados do arco cruzeiro), está S. José ao lado da Epístola, e Santo António do lado do evangelho.

Na capela da Senhora da Boa-Morte, a imagem da mesma invocação, muito venerada pelos romeiros. Em nossa meninice ouviamos dizer a pessoas ingénuas e de pouca ilustração que a esta imagem lhe cresciam as unhas...

Merece referência o púlpito, de base

Nos cinco do lado do evangelho estão representados os seguintes assuntos partindo do arco do cruzeiro em direcção à porta principal: Casamento de Nossa Senhora; Apresentação do Menino Jesus no templo; Apresentação da Santíssima Virgem; Anunciação; Adoração dos Pastores.

Nos painéis do lado da epístola, e começando do lado da porta: Nascimento do Menino Jesus; Visitação; Circuncisão; fugida para o Egito; Adoração dos Magos (três reis, um deles preto).

No centro, próximo do arco cruzeiro, a morte da Virgem, rodeada pelos onze Apóstolos. Mais para o lado da porta, em grande painel, a Ressurreição e Assunção da Virgem.



Visitação

de pedra bem lavrada e cortina de madeira delicadamente entalhada.

As portas e janelas têm lindas e delicadas sanefas de madeira entalhada e dourada. E, já agora, também uma referência às «teias» ou grades da capela-mor e da capela da Senhora da Boa-Morte, e a alguns curiosos espelhos de fechadura.

As pinturas do tecto da igreja

Não podemos deixar de nos referir às pinturas do tecto da igreja. São ao todo doze painéis enquadrados em elegantes e bem lançadas arquitecturas.

A disposição dos painéis é a seguinte: cinco painéis de cada lado e dois maiores no centro.

Este quadro consta de duas partes: em baixo está o túmulo cheio de rosas, que simbolizam o perfume que ficou no túmulo após a ressurreição da Virgem; e em volta os Apóstolos, abismados perante o prodígio. Em cima, a Virgem Maria sobe ao céu, rodeada por uma teoria de anjos. Este é verdadeiramente a coroa de todos os outros painéis, e ilustra admiravelmente a crença da Igreja na Assunção de Nossa Senhora.

Estas pinturas bem merecem ser guardadas com carinho e estudadas com interesse, pois constituem um resumo da vida de Nossa Senhora, e constituem igualmente, em conjunto com as esculturas dos Passos do Senhor um evangelho para os que não sabem ler.

Professora — Mas o que é isso Carlos? tu vens todos os dias à escola com as mãos todas sujas? As tuas mãos até parecem mãos de carvoeiro!..

Aluno — Isso ainda não é nada Senhora professora e se a senhora visse os meus pés?...

— Por que é que você anda sempre ao lado do seu burro?

— Porque ele foi acostumado a andar em parelha. *Se não está ao pé dum outro burro, não se mexe.*

Um oficial está dando instruções a um grupo de recrutas. Diz ele:

— Pelotão, dois passos para a frente!

Um recruta permanece imóvel e o oficial diz-lhe para ele: Então você não ouviu dizer: pelotão, dois passos para a frente?

— Pois ouvi, mas é que eu não me chamo pelotão; chamo-me Bastião!

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

O FOGO, A ÁGUA E A VERGONHA

O Fogo, a Água e a Vergonha, diz um velho apólogo, resolveram fazer juntos uma longa viagem. Entretanto levantaram a hipótese muito provável de poderem perder-se pelo caminho ou se desentocarem por qualquer circunstância.

— Como nos havemos de reunir de novo? — perguntaram todos os três.

— Eu — diz o Fogo — todas as vezes que vocês virem fumo já sabem que estou lá. Onde há fumo há fogo.

— Quando vocês virem junco, disse a Água, já sabem que eu estou aí. E você, Vergonha, como é que havemos de a encontrar se se perder?

A Vergonha deu uma gargalhada muito cínica e respondeu:

— Encontrar-me?... Quem me perde nunca mais me encontra!

Compreenderam? Quando se perde a vergonha, nunca mais se encontra esta coisa tão preciosa e tão necessária! Infelizmente estamos numa época em que se diz clinicamente: «vergonha e carácter são géneros de primeira necessidade».

Há uma crise medonha de pudor e de dignidade. Nunca se viram coisas como as que estamos vendo hoje. O escândalo tornou-se vulgar, e já se perdeu nesta época, dizia Pio XII, até a noção do pecado.

Quando vemos os modos e as modas de certas mulheres, a falta de compostura e de dignidade de certas raparigas, o cinismo de muitos homens, sentimos que na verdade, a Senhora D. Vergonha fugiu do mundo, e que muita gente é... sem vergonha! Vergonha, Senhora D. Vergonha, onde é que está?...

COMO SE ROUBA?

Rouba-se, metendo as mãos nos bolsos alheios.

Rouba-se, contraindo dívidas impossíveis de se liquidar.

Rouba-se, negligenciando no ofício pelo qual se é pago.

Rouba o comerciante quando defrauda no peso e no preço das mercadorias.

Rouba o padeiro que mistura pó branco com a farinha.

Rouba o patrão que lesa o ordenado dos seus empregados.

Rouba o operário que executa mal os seus trabalhos.

Rouba a honra alheia, aquele que fala mal ou calunia o próximo.

Infelizmente rouba-se de tantos e tantos modos!

TINHA MORRIDO

O Apóstolo S. João tendo de ir a uma terra próximo de Éfeso deixou aos cuidados do Bispo um jovem cheio das mais belas esperanças.

O Bispo acolheu-o em casa, alimentou-o, educou-o, mas o infeliz deixou-se transviar por falsos amigos e, a pouco e pouco, tornou-se chefe de uma quadrilha.

Quando S. João voltou perguntou pelo seu protegido e o Bispo respondeu:

— Morreu!

— Como? Morreu — perguntou o Apóstolo.

— Sim, morreu para Deus. — E explicou como o desgraçado se tivesse tornado chefe de ladrões e assassinos.

O Apóstolo, então, esquece a sua idade avançada, e sobe a montanha onde o seu protegido estava acoitado com os do grupo. O jovem, logo que viu o seu velho benfeitor, fugiu. O Apóstolo procura segui-lo, chama-o e grita-lhe:

— Sou teu pai, não fujas, tu ainda podes viver para Deus!

A tais palavras o pobre desgraçado pára, baixa os olhos, lança fora as armas e chora.

Deus faz também assim com os pecadores: persegue-os com a sua voz, até que consegue fazê-los parar... Há alguns, porém, que não querem saber: preferem a morte eterna.

Capela do Colcurinho

Quando à tarde o sol se inclina para o poente e banha de intensa luz o monte do Colcurinho surgenos, branca e altiva, a capela da Virgem, farol de luz divina onde se concentram as nossas esperanças e donde saem torrentes de graças que animam e confortam milhares de corações aflitos, ansiosos da paz de Deus.

Vêem-nos então ao pensamento e afloram aos nossos lábios aqueles versos do poeta bracarense Almeida Braga:

«Ei-la, enfim, sobre o alto monte!
Cingem-lhe as nuvens a fronte,
Descobre-a largo horizonte,
De longe o viandante a vê.
E logo que a vista a alcança,
Iris de eterna bonança,
Cresce mais firme a esperança
Surge mais vivida a fé.»

Lá está a capelinha branca a atrair os olhares de toda a gente.

Não foi em vão, graças a Deus, que lançámos o apêlo a todos os povos da Beira para se ampliar a capelinha de pequeníssimas dimensões.

As almas estremeceram, os corações ouviram, as esmolas vieram, as obras fizeram-se e agora lá está a capela a brilhar no cimo do monte do Colcurinho.

É verdade que ainda não está acabada interiormente. Precisa-

mos ainda de alguns contos para o pavimento e para o altar. Mas também é verdade que a generosidade dos devotos de Nossa Senhora não findou ainda, nem diminuiu o bairrismo dos fidalgos e leais beirões.

A devoção a Nossa Senhora e o amor às coisas sagradas da nossa Beira hão-de completar o milagre.

Mais uma vez afirmamos que dentro de poucos anos o Colcurinho há-de ser o local do centro do País mais visitado e mais admirado.

Para as obras da capela recebemos mais as seguintes quantias:

Do Sr. João Gonçalves Matoso, do Pisão de Coja, 500\$00;

Do Sr. Dr. Vasco de Campos, de Avô, 100\$00;

Do Sr. Mário Gomes de Brito, de Penalva de Alva, 50\$00;

Do Sr. Manuel Gonçalves da Cruz, por intermédio da Comarca, 20\$00;

Do Sr. Luís Freire da Cruz e de sua irmã Ana de Jesus, residentes em Lisboa, 20\$00;

Do Sr. José Francisco, residente em Lourenço Marques, 30\$00.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Piedade, residente no Largo da Graça, envia-nos 100\$00 para a Senhora das Preces e mais 50\$00 para duas missas por sua intenção.

A todos muito agradecido.

Alvoco das Varzeas Vide

Por determinação do Sr. Bispo Conde de Coimbra saiu desta freguesia o Sr. P.^o Manuel Fernandes da Silva que durante uns anos parou aqui esta freguesia com agrado de toda a gente.

Como um dos motivos da sua transferência foi a alegação de que não eram suficientes os recursos para a sua honesta sustentação acaba de se organizar uma comissão afim de conseguir uma cóngrua suficiente em toda a freguesia.

Fazem parte da Comissão de honra os Srs. Dr. José Sebastião Marques Antunes, Higino da Silva Moura, Agostinho de Brito e António Amaral Madeira.

Constituem a Comissão executiva os Srs. Sebastião Dias Bailão, José Dias Bailão Mendes, Graciano da Fonseca, António Lopes Mendes Júnior, Diamantino Nunes Bailão, Romão Marques, Francisco Lobo Fidalgo, António Fernandes Afonso, Augusto da Fonseca Pereira.

É de esperar que toda a freguesia saiba cumprir o seu dever para que dentro em breve possa ter o seu pároco próprio.

— Nos dias das Festas do Natal, Ano Bom e Dia de Reis foram oferecidas muitas prendas e fogaças ao Menino Jesus cujo produto reverteu a favor da Igreja, a qual precisa de urgentes reparações. No dia de Reis as fogaças renderam 620\$00.

— Afim de tomar conta dos dinhei-

Foi nomeado distribuidor da correspondência aos domicílios, o sr. Cândido Freire de Brito.

— Saíram já alguns estudantes a retomar os seus estudos.

— Estiveram aqui de visita a suas famílias, os srs. João Mendes Abranches, professor no Seminário da Guarda, seu irmão José Mendes Abranches, Professor em Unhais da Serra, e família.

HISTÓRIA DO SANTUARIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na «Casa do Castelo», em Oliveira do Hospital, na casa «Júlio dos Santos» e no Santuário

ros da Igreja paroquial desta freguesia e zelar pelas coisas da igreja foi nomeada uma Comissão que é composta dos Srs. Dr. José Antunes, Sebastião Dias Bailão, tesoureiro José Dias Bailão Mendes e Graciano da Fonseca.

CASAMENTO — No mês passado realizou-se nesta igreja paroquial o casamento da menina Generosa Mendes Ferreira, filha do Sr. Luís Lopes Ferreira e da Sr.^a Alexandrina Rita Mendes, com o Sr. Germano dos Santos Augusto, do lugar do Rio de Mel, freguesia de S. Gião.

Que sejam muito felizes.

Aldeia das Dez

CASAMENTOS — No Chão Sobral realizou-se o casamento de Severino Raposo Bramão, da freguesia da Vide com a menina Natália dos Santos Silva do lugar do Chão Sobral.

— Na Senhora das Preces realizou-se o casamento do Sr. Manuel Diniz Pais, do Cimo da Ribeira, com a menina Cândida Tavares Carvalho, filha do Sr. António Joaquim de Carvalho, de Aldeia das Dez. Foram padrinhos os tios da noiva, Sr. Arnaldo Tavares Diniz e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Amélia Tavares Diniz de Brito.

— Na passada terça-feira realizou-se o casamento do Sr. Américo Mendes Álvaro, do lugar de Vale de Maceira, com a menina Maria Fernanda Alves Dias, de Aldeia das Dez, fixando residência em Vale de Maceira.

OBRAS DA IGREJA — Terminaram já as obras de reparação da igreja paroquial levadas a efeito por uma Comissão de senhoras que por esse motivo merecem os melhores louvores.

TOMOU POSSE

o novo Juiz de Direito de Oliveira do Hospital

Tomou posse no passado dia 3 do cargo de Juiz desta comarca o sr. dr. Amândio dos Santos Cruz que para esta vila foi transferido da comarca da Sertã. Assistiram à posse cerca de 100 pessoas, que apresentaram cumprimentos ao novo e íntegro magistrado, que vem precedido de grande fama como julgador. Ao acto assistiram pessoas de Cantanhede e Tábua; todos os advogados e médicos desta vila; comerciantes e funcionários públicos, vendo-se a sala do tribunal repleta de pessoas.

FERIADOS NACIONAIS

Por decreto publicado há poucos dias no «Diário do Governo» são feriados oficiais os seguintes dias:

10 de Junho, denominado dia de Portugal e consagrado à Festa Nacional;

5 de Outubro, comemorativo da implantação do regime republicano;

1 de Dezembro, comemorativo da Restauração da Independência.

São igualmente considerados feriados oficiais os seguintes dias santificados pela Igreja Católica:

Circuncisão (1 de Janeiro);

Corpo de Deus;

Assunção (15 de Agosto);

Todos os Santos (1 de Novembro);

Imaculada Conceição (8 de Dezembro);

Natal (25 de Dezembro);

É obrigatória a cessação de todas as actividades não permitidas por lei aos domingos, excepto 5 de Outubro e 1.^o de Dezembro.

Recordações do Santuário

Quando visitar este Santuário não se esqueça de levar uma lembrança, uma recordação.

Junto da capela, em lugar próprio, encontra à venda terços, crucifixos, flores, livros de Missa e medalhas de Nossa Senhora das Preces.

PORTUGAL DESEJA A PAZ

Revestiram-se de excepcional brilhantismo as cerimónias dos cumprimentos de Ano Bom que o Senhor Cardeal Patriarca, Corpo Diplomático, Governo e outras altas individualidades apresentaram ao Chefe do Estado durante a recepção no Palácio de Belém. Especial significado teve também a mensagem que o Senhor General Craveiro Lopes dirigiu nesse dia a todos os portugueses, com os seus votos de paz e felicidade e na qual afirmou, traduzindo a satisfação pelo dever cumprido e a esperança na continuidade pelo bem estar de Portugal:

«Em todos os territórios onde é Portugal se trabalhou com afinco e em paz, e se resolveram os problemas próprios. No agregado de Nações a que livremente pertencemos, não fomos elemento de perturbação e, pela correcção das nossas atitudes e pelo espírito de boa convivência de que demos prova, consolidámos respeito, autoridade e até prestígio para a nossa velha Casa Lusitana. Razões existem pois, para agradecermos a Deus as

graças que recebemos e reconhecer, aos homens que governam o País a boa vontade que puseram em nos conseguir a tranquilidade e o bem-estar em que vivemos.»

Os discursos trocados entre o Embaixador de Espanha e o Sr. Presidente da República, foram, também, uma afirmação dos desejos de paz que animam todos os países civilizados e que Portugal procurará defender à custa de todos os esforços.

Em resposta ao representante do Corpo Diplomático, que declarou ser necessário encontrar um meio de evitar uma nova guerra de proporções gigantescas, o Senhor General Craveiro Lopes disse, traduzindo o pensamento unânime da Nação:

«Temos de reconhecer, com justiça, que muito se trabalhou a fim de preservar a Paz, que é o nosso e o ideal de todos. Como o alcançar, V. Ex.^{as} o sabem muito bem; não preciso de o dizer. Por nossa parte, envidámos e continuaremos a envidar os nossos melhores esforços para esse efeito.»